

Insubordinação Criativa nas Diversas e Múltiplas Pesquisas em Educação Matemática

Creative Insubordination in Diverse and Multiple Mathematics Education Research

[DOI: 10.37001/ripem.v9i3.2364](https://doi.org/10.37001/ripem.v9i3.2364)

Celi Espasandin Lopes
Universidade Cruzeiro do Sul; Universidade Cidade de São Paulo
celi.espasandin.lopes@gmail.com

Fernanda Aparecida Ferreira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG
fernanda.aparecida.f@gmail.com

Neste número temático sobre pesquisas que dialogam com as ideias da Insubordinação Criativa da *RIPEM – Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*, são socializados estudos debatidos durante a Segunda Conferência Internacional de Insubordinação Criativa na Educação Matemática (ICOCIME 2) em setembro de 2019. A partir do resumo enviado e das apresentações realizadas no evento, pesquisadores produziram artigos que foram submetidos à *RIPEM* e avaliados por um corpo de pareceristas. Os textos aprovados compõem este número.

Desse modo, os artigos aqui publicados abarcam múltiplas perspectivas teóricas e metodológicas de pesquisas em Educação Matemática, as quais consideram o conceito de insubordinação criativa.

Este conceito tem raízes nas ideias de Robert King Merton, expressas no texto “Estrutura burocrática e personalidade”, capítulo do livro *Reader in bureaucracy*, publicado em 1963 nos Estados Unidos da América e traduzido para o português em 1966. Nos seus estudos o sociólogo americano destaca os benefícios econômicos e organizacionais da estrutura burocrática, mas alerta sobre a ineficiência no tratamento de casos individuais e imediatos.

Baseando-se nas considerações de Merton, no início da década de 80, Morris, Crowson, Hurwitz e Porter-Gehrie publicaram um relatório etnográfico como resultado de uma pesquisa sobre a atuação de diretores em 16 escolas de Chicago. Esses pesquisadores usaram, pela primeira vez nas pesquisas em Educação, o termo “insubordinação criativa” para referir-se às atitudes de oposição dos diretores, ao lidar com a burocracia educacional procedente de órgãos

superiores. De acordo com esses pesquisadores, os gestores de escola trabalhavam com muita discrição e sutileza, quando apresentavam postura de desobediência aos seus superiores, e tinham como objetivo atender as necessidades locais da comunidade escolar.

A partir desse estudo o conceito de insubordinação criativa ganhou outros sinônimos e aplicabilidades em diferentes áreas de pesquisa. Em 1990, Hutchison, utilizou o termo “subversão responsável” em uma publicação na área da Enfermagem, em que explorou e descreveu o modo como as enfermeiras burlavam as regras em prol dos pacientes. Seu relato revelou que as ações de desobediência às ordens eram conduzidas por certo grau de compromisso ético.

Em 1992, Keedy também empregou o conceito para descrever, em seu estudo, o comportamento autônomo de quatro diretores de escolas de Ensino Médio que utilizaram suas habilidades de gerenciamento e liderança para melhorar as condições do espaço escolar, sem limitar-se apenas a gerenciar instruções advindas de instâncias superiores.

Haynes e Licata, em seu texto de 1995, também discutem a insubordinação criativa na prática de gestores e ponderam que as atitudes profissionais nessa perspectiva exigem prudência, disposição e desenvoltura, sempre com o propósito de assegurar melhores condições para alunos e professores.

No ano de 1999, Roche publicou uma síntese sobre os vários estudos que investigaram ações de insubordinação criativa de diretores e concluiu que, em geral, esses profissionais buscavam alterar, adaptar ou ignorar as políticas do sistema de ensino, ao assumirem priorizar um atendimento mais adequado à sua comunidade escolar.

Na Educação Matemática, o termo foi utilizado inicialmente com viés político, por Gutierrez em 2013. A pesquisadora apontou a insubordinação criativa, ao referir-se a ações de professores de Matemática quando resistiam a políticas e diretrizes burocráticas, num contexto que envolvia questões de racismo, classe e linguagem.

D’Ambrosio e Lopes, em 2014, trouxeram ao contexto brasileiro seus diálogos com as ideias da insubordinação criativa, assumindo a subversão responsável como sinônimo, e buscaram potencializar as ações de professores e pesquisadores que se opõem a regras estabelecidas, ao entenderem que seu trabalho, seja na escola ou na universidade, assume compromisso explícito com o respeito humano, a solidariedade, a equidade, a justiça social e a ética. Para as autoras, ser subversivamente responsável requer assumir-se como ser inconcluso,

é ter consciência de quando, como e por que agir contra procedimentos ou diretrizes estabelecidas. É tomar a curiosidade como alicerce da produção de conhecimento e fazer de seu inacabamento um permanente movimento de busca.

Nesta edição o leitor encontrará uma multiplicidade e diversidade de investigações em Educação Matemática que consideram as perspectivas da subversão responsável nos modos de produzir pesquisas. Há ensaios teóricos, pesquisas que promovem reflexões sobre práticas docentes e outras que focalizam multidisciplinaridade e temas transversais.

Inicialmente, Barbosa e Lopes apresentam um estudo biográfico sobre a produção acadêmico-científica da professora Beatriz Silva D'Ambrosio. Traçam um panorama das obras da pesquisadora que versam sobre a insubordinação criativa, compreendida como ações assumidas em uma atitude de contraposição às regras estabelecidas, com fins de reduzir efeitos nocivos na educação.

No segundo artigo, pautada por princípios da insubordinação criativa e das gaiolas epistemológicas, Ferreira revela uma possibilidade de percurso metodológico em uma pesquisa que retrata um Estado da Arte de pesquisas sobre Provas e Demonstrações Matemáticas, mostrando que às vezes é preciso “desobedecer” para ser criativo metodologicamente.

Em seguida, Peres e Amaral-Schio expõem como a bricolagem pode oferecer possibilidades de insubordinar-se criativamente na realização de pesquisas qualitativas em Educação Matemática, por meio de um exemplo de pesquisa voltado para a formação de professores, especificamente, em Geometria Euclidiana.

No quarto artigo, Teres e Grando discutem acerca da insubordinação criativa e a sua relação com os grupos colaborativos, em uma análise de dados coletados em encontros do grupo de Insubordinação Criativa em Educação Matemática - ICEM, da UFSC, e reportam as considerações de seus integrantes sobre os conhecimentos construídos e as motivações que os trouxeram para esse contexto.

O quinto artigo trata-se de um ensaio teórico produzido por Queiroz quando analisa formas de insubordinação criativa que emergiram de um *design* insubordinado no ensino de Matemática Financeira. Classifica as formas de insubordinação – reativas ou criativas – em ações nas quais emergem debates sociocríticos.

No trabalho de Gonçalves e Grando, uma análise das práticas de ensino de duas professoras é realizada, tendo como referência a forma como suas práticas foram influenciadas

e motivadas pela participação no movimento das Feiras Matemáticas e como essas práticas podem ser consideradas insubordinadas criativamente.

Santos e Lopes identificam e analisam, a partir da narrativa autobiográfica de uma professora de Matemática que atua nos anos finais do Ensino Fundamental, ações de insubordinação criativa na prática docente e o contexto de atuação profissional da professora.

Os autores Nasser, Lima, Vaz e Menezes apresentam propostas inovadoras de avaliação que se diferenciam dos modelos tradicionais. Insubordinadas e criativas, essas propostas indicam a necessidade de conhecer os estudantes envolvidos no processo, a fim de estabelecer uma relação de ensino e aprendizagem significativa. Em uma perspectiva crítica e progressista da avaliação, os autores refletem sobre a necessidade de considerar a democracia no instrumento avaliador, para construir pontes entre professores e alunos, evitando os desvios de subjetividade e os vieses na correção das provas.

O trabalho de Silva e Laurino acompanha a produção da subjetividade de uma professora de Matemática que se desafia a assumir a posição de cartógrafa, ao olhar para seu fazer docente e entrelaçá-lo à percepção de seus alunos em relação à aula de Matemática. Os autores traçam considerações que dizem da insubordinação criativa como uma possibilidade de movimento educacional capaz de transformar o entendimento a respeito do processo educativo.

Em um espaço de formação que reúne matemática, arte e educação de campo, Wagner problematiza a formação de Educadores do Campo, propondo movimentos insubordinados que se façam na contramão do constituído, do engessado, e que viabilizem condições para a emergência de outras formas de se fazer Educação Matemática, abrindo espaços para outro “experimentar, outro viver, outro sentir”.

Souza apresenta um ensaio narrativo sobre a contribuição do samba para a área da Educação Matemática. Em uma síntese histórica sobre a formação de escolas de samba, a autora retrata o caráter educativo desse tipo de organização comunitária, tecendo considerações sobre quais matemáticas se fazem presentes nas relações comunitárias e educativas que emergem nas escolas de samba, e por que essas matemáticas não são (re)conhecidas.

Santos, Santana e Junior descrevem e analisam uma ação de insubordinação criativa diante da inserção da prática do jogo de xadrez nas aulas de matemática. Afirmam que a insubordinação pedagógica habitada na implementação do jogo de xadrez pode possibilitar, por

parte dos alunos, o desenvolvimento de habilidades como a elaboração de estratégias e a tomada de decisões em busca de soluções em situações de aprendizagem.

Nesta edição especial da *RIPEM*, você, leitor, terá a oportunidade de encontrar-se com distintas investigações e relações envolvendo o conceito de insubordinação criativa e termos equivalentes e, assim, poderá ampliar suas reflexões teóricas e metodológicas, bem como redimensionar suas práticas como educador matemático.

Referências

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. (Org.). *Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GUTIERREZ, R. Mathematics teachers using creative insubordination to advocate for student understanding and robust mathematical identities. In: MARTINEZ, M.; CASTRO SUPERFINE, A. (Ed.). *Proceedings... of the 35th annual meeting of the North American Chapter of the International Group for the Psychology of Mathematics Education*. Chicago, IL: University of Illinois at Chicago 2013. p. 1.248-1.251.

HAYNES, E.; LICATA, J. W. Creative insubordination of school principals and the legitimacy of the justifiable. *Journal of Educational Administration*, Bingley, v. 33, n. 4, p. 21-35, 1995.

HUTCHINSON, S. A. Responsible subversion: A study of rule-bending among nurses. *Scholarly Inquiry for Nursing Practice an International Journal*, Nova York, v. 4, n. 1, p. 3-17, Primavera 1990.

KEEDY, J. L. Creative insubordination: Autonomy for school improvement by successful high school principals. *The High School Journal*, University of North Carolina Press, v. 76, n. 1, p. 17-23, 1992.

MERTON, Robert K. Estrutura burocrática e personalidade. In: CAMPOS, E. (Org.). *Sociologia da burocracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. p. 96-110.

MORRIS, V. C. *The urban principal*. Discretionary decision-making in a large educational organization. 1981. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=ED207178>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

ROCHE, K. *Moral and ethical dilemmas in Catholic school settings*. In: BEGLEY, P.T. (Ed.). *Values and educational leadership*. Albany, NY: SUNY Press, 1999. p. 255-272.